



## **Mediatização e Mídiação do Corpo<sup>1</sup>**

Deyvisson Pereira da COSTA<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Mato Grosso, MT

### **RESUMO**

A questão do corpo deixou de ser pacífica em decorrência das intensas mutações pelos quais este objeto de gozo, fruição, saber e poder passou no último século. A centralidade do corpo na sociedade contemporânea está intimamente ligada às crises pelas quais as noções de sujeito centrado têm passado. Como elemento de constituição do sujeito, a presença incessante do corpo nas mídias impõe questionamentos acerca das suas relações produtivas de subjetividades dados os processos de mediação social. Desse modo, propõe-se investigar as noções de mediação e mídiação a fim de identificar precisões conceituais para subsidiar a compreensão da mídiação do corpo e a produção de corpos e subjetividades na contemporaneidade.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Mediação Simbólica, Mídiação, Subjetividades; Corpo

### **INTRODUÇÃO**

O corpo não é apenas objeto de cuidados, mas de gozo, fruição, jogos, saberes e poderes quando está exposto em imagens, colocado no centro de performances, oferecido ao olhar dos *voyeurs* nos *reality shows*. A questão do corpo deixou de ser pacífica para se transformar em um problema com implicações legais, éticas, antropológicas e até comunicacionais.

Em inúmeras práticas sociais o corpo se tornou fundamental para a constituição dos sujeitos individuais e coletivos, apesar de se deslocar continuamente em cada um dos espaços de ação. Por exemplo, mesmo em espaços mais tradicionais, como nos campos biomédicos, o corpo está aglutinando preocupações tendo em vista as possibilidades de clonagem ou vidas artificiais, revelando a tenuidade dos limites entre o vivo e o não vivo.

De uma forma geral, esta centralidade do corpo está intimamente ligada à série de crises. Para Tucherman (1999), a crise do corpo é “caudatária da crise dos fundamentos de nossa cultura e se articula com a crise do sujeito” (p. 23). Desse modo,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de junho de 2011.

<sup>2</sup> Doutorando em Comunicação na UFMG (2010) e professor na Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário do Araguaia, email: deyvissoncosta@yahoo.com.br



podemos apontar a crise do sujeito moderno como uma força que fundamenta este processo de centralização.

Desde meados do século XIX, filósofos e teóricos do social têm diagnosticado que a idéia de um *eu* centrado e soberano, pensante e separado do exterior a ser pensado, entrou em ruínas. Teríamos hoje imagens de subjetividades descentradas, móveis, heteróclitas, multiformes, situadas e inscritas na superfície dos corpos. “Reunidas, essas teorias mostram que não existe sujeito ou subjetividade fora da história e da linguagem, fora da cultura e das relações de poder” (TADEU E SILVA, 2009, p. 10).

Especificamente, nas mídias, é preciso atentar detalhadamente para as crescentes relações entre os produtos midiáticos, os sentidos sobre o corpo e sobre as práticas corporais e, por fim, a produção de subjetividades. Desse modo, as mídias também podem constituir um espaço privilegiado para compreensão desta centralidade que o corpo adquire na contemporaneidade. Afinal, sobre a materialidade imediata do corpo, sobrepõem-se infindáveis camadas de informações, sentidos, práticas e cuidados, sejam eles individuais ou coletivos.

Às mídias se podem relacionar os processos formativos de uma experiência subjetiva de indivíduos e as coletividades – valores, possibilidades, modelos, normas, argumentos. “Em suma, torna-se impossível fechar os olhos e negar-se que os espaços de mídia constituem-se também como espaços de formação – ao lado da escola, da família, das instituições religiosas” (FISCHER, 2002, p. 153).

Com relação ao corpo, nos caberia verificar como estão relacionados os processos de constituição destas subjetividades contemporâneas e a mediação de práticas e saberes sobre o corpo. No entanto, primeiramente é a própria noção de mediação que prescinde de uma investigação particular. Mediação e mediação emergem como conceitos fundamentais que merecem precisão conceitual para o prosseguimento das pesquisas sobre a mediação das formas de percepção do próprio corpo e do corpo do outro no mundo contemporâneo. Desse modo, como tarefa preliminar, nos propomos discutir as definições de mediação simbólica e mediação. Por fim, abordaremos a mediação do corpo indicando possíveis conseqüências para a constituição de sujeitos e corpos na contemporaneidade.

## **1. MEDIAÇÃO E MEDIAÇÃO**



De acordo com Sodré (2006), toda e qualquer cultura implica media es simbólicas que são linguagens, trabalho, leis, artes, etc.  s quais poderíamos incluir as práticas de cuidado com o corpo. Do mesmo modo, a media o necessita de bases materiais que se consubstanciam em institui es ou formas reguladoras do relacionamento em sociedade.

Está presente na palavra media o o significado da a o de fazer ponte ou fazer comunicarem-se duas partes (o que implica deferentes tipos de intera o), mas isso   na verdade decorrência de um poder originário de discriminar, de fazer distin es, portanto lugar do simbólico, fundador de todo conhecimento. A linguagem   por isto considerada media o universal (SODRÉ, 2006, p. 21).

Enquanto mediadora universal, a linguagem permite ao homem ascender   ordem simbólica, isto  , a uma ordena o, a uma organiza o do mundo, a uma distribui o de valores que o processo de simboliza o nos fala. A opera o de diferencia o-substitui o   comum   cria o de instrumentos materiais de produ o,   assun o da palavra e   constitui o da vida social. “Tal opera o consiste basicamente na circunscri o de campos que podemos identificar ao ato de nomear. (...). Dar nome às coisas   ordenar o mundo,   instituir os parâmetros pelos quais o vemos,   legislar e, sobretudo, socializar-se socializando-o” (GOMES, 2003, P. 21-22).

O ser humano – ser fabricante, ser falante e ser social - ascende   ordem simbólica por uma opera o de diferencia o-separa o que marca a sua passagem da natureza para a cultura. Assim, podemos considerar a media o simbólica como uma constante antropológica, como assim o   para Quéré (1982). Esta media o simbólica requer um sistema de representa o de tal modo que a sociedade compreenda a si mesma e o mundo de uma determinada maneira. Ou seja, o mundo só   acessível através de várias media es e objetiva es destas media es simbólicas. Desta mesma maneira, interv m Sodré (2006) ao afirmar que, toda e qualquer sociedade constrói de maneira mais ostensiva ou mais secreta “regimes auto-representativos ou de visibilidade pública de si mesma” (p. 16)

De acordo com Quéré (1982), o laço social e a identidade não são dissociáveis de um sistema geral de representa o, de uma imagina o criativa, de uma atividade comunicacional fundamental, que estabiliza o mundo em seus domínios de sentido. Afirm o transferível para um sistema de representa o do corpo individual e social relacionado às outras práticas sociais – econ micas, políticas, sociais e culturais. A identidade e o laço social são assim correla es de um processo de distanciamento da



sociedade em relação a ela mesma através da qual ela se torna visível aos seus membros.

Além disso, cada sociedade tem formas de organizar e regular os modos de objetivação simbólica enquanto um modo de relação entre o real e o simbólico. As sociedades pré-modernas relacionaram uma ordem social a uma ordem transcendente. Este fundamento intocável está baseado em uma temporalidade outra que confere um estatuto ao real e determinam a articulação entre o visível e o invisível, dada uma suposta consubstanciabilidade entre o signo e o real.

Com o teatro grego clássico, a cerimônia ritual das sociedades pré-modernas se transforma em espetáculo sobre uma cena e com os atores nasce uma diferenciação crescente entre os elementos cognitivos e os elementos normativos da representação (ciência de um lado, moral de outro). A estrutura da representação grega contém os princípios constitutivos do regime da alteridade dentro da sociedade burguesa.

Especificamente nas sociedades burguesas, o signo se separa do mundo e passa a constituir uma cena. De maneira inédita, esse modo de representação recusa a subordinação do organismo social a toda instância transcendente. A invocação de uma racionalidade imanente ao real será o principal meio de afirmar seu poder de discursos. Ela pressupõe que deverá ser instaurada uma distância entre o real e seu outro. No entanto, ao mesmo tempo em que a sociedade burguesa tenta explicar o que é o real por ele mesmo, o conhecimento passa a encobrir o real. Tal modo de objetivação da mediação simbólica se constitui dentro de um vasto processo de diferenciação social, dando nascimento a toda uma série de separações.

A separação de uma ordem do mundo e uma ordem social sofre alterações com os avanços técnicos no último século que transformam o sistema de representação da sociedade burguesa com a suposição de outro espaço-tempo social. Para Quéré (1982), vivemos o fim da representação própria da sociedade burguesa e a ascensão de uma era de simulação quando “o real se põe a tagarelar<sup>3</sup>” (QUÉRÉ, 1982, p. 102).

Apesar do caráter inédito do novo regime de representação da sociedade capitalista a partir dos avanços tecnológicos, não seria correto, segundo Sodré (2006), falar em uma revolução social e tecnológica, mas de mutação tecnológica, já que não se trata exatamente de descobertas linearmente inovadoras, e sim da “maturação tecnológica do avanço científico, que resulta em hibridização e rotinização de processos

---

<sup>3</sup> Tradução livre. “L’idéologie de la consommation et la foctionnemente des media nous en livrent la formule: ‘le réel désormais bavarde’ (QUÉRÉ, 1982, p.102)



de trabalho e recursos técnicos já existentes sobre outras formas há algum tempo” (p. 13).

Está depois em jogo um novo tipo de formalização da vida social, que implica uma outra dimensão da realidade, portanto formas novas de perceber, pensar e contabilizar o real. Impulsionadas pela microeletrônica e pela computação ou informática, as neotecnologias da informação introduzem os elementos do tempo real (comunicação instantânea, simultânea e global) e do espaço virtual (criação por computador de ambientes artificiais e interativos), tornando “compossíveis” outros mundos, outros regimes de visibilidade pública. Mas também intensificando os cenários de antecipação dos acontecimentos, o que de algum modo neutraliza a abertura para o futuro. (SODRÉ, 2006, p. 16)

Ciência, tecnologia e ideologia hibridizam-se nos processos de construção do saber sobre o social evidenciando a ciência e a técnica como propriamente ideológicas e proporcionando o controle social pela antecipação e, portanto, neutralizando o futuro. Enfim, a racionalidade instrumental, seus signos de objetividade e verdade.

Nas relações entre cultura, mídia e tecnologia podemos perceber que há uma cultura constituída pela mídia (KELNER, 2001). As imagens, sons e espetáculos dominam o tempo do lazer e são capazes de modelar opiniões e comportamentos sociais, mesmo que esse processo não seja necessariamente linear. Nessa perspectiva, “a cultura veiculada pela mídia fornece o material que cria as identidades pelas quais os indivíduos se inserem nas sociedades tecnocapitalistas contemporâneas, produzindo uma nova forma de cultura global” (KELLNER, 2001, p. 9).

De acordo com o autor, trata-se de uma cultura da imagem que explora a visão e a audição; uma cultura industrial e comercial que produz mercadorias para a massa; e, além disso, uma tecnocultura que mescla cultura e tecnologia atingindo dimensões globais e produzindo novos tipos de sociedade a partir de mídia e tecnologia como princípios organizadores. Portanto, “trata-se de uma cultura que passou a dominar a vida cotidiana, servindo de pano de fundo onipresente e muitas vezes de sedutor primeiro plano para o qual convergem nossa atenção e nossas atividades” (KELLENER, 2001, p. 15). Desse modo, a “cultura tecnológica se manifesta como a emergência contemporânea de novas formas de construção social da existência humana” (VIZER, 2008, p. 33).

A cultura tecnológica emerge como nova forma cultural hegemônica e universal. E sua expressão mais refinada se manifesta nos processos de mediatização social. Podemos conceber, por sua vez, a mediatização como um duplo processo, ao mesmo tempo objetivo e subjetivo: objetivo como manifestação acelerada e transformadora penetração das



tecnologias – (...) – [e subjetivamente como] as transformações culturais e as necessidades subjetivas se aceleram de forma vertiginosa, o crescimento universal da demanda de acesso e apropriação tanto individual como coletiva, das TCIs. (..) a construção social e tecnológicas das novas subjetividades. (...) Um processo de construção coletiva e transsubjetividades virtuais (VIZER, 2008, p. 33-34).

Assim, a mediação simbólica seria encaminhada preferencialmente para uma mediatização com ênfase em um tipo particular de interação – a tecnointeração - caracterizada por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada médium . Segundo Sodré (2006), aplicado ao médium, o termo prótese designa “a forma tecnointeracional resultante de uma extensão especular ou espectral que se habita, como um novo mundo, com nova ambiência, código e sugestão de condutas” (p. 21).

O conceito de mediatiza o recobre a articula o histórica de múltiplas institui es e várias organiza es de média, ou seja, com atividades regidas por finalidades tecnológicas e mercadológicas. Para Sodré (2006), a mediatiza o implica em uma qualifica o particular da vida, um novo modo de presença do sujeito no mundo, um bios específico . Assim,   possível tratar a mediatiza o como uma modalidade histórica da media o simbólica e relacioná-la inicialmente a dois  mbitos sociais. O primeiro refere-se aos processos sociais específicos que passam a funcionar segundo lógicas da m dia. Já em um nível macro, trata-se da media o da própria sociedade. De acordo com Braga (2007), pode-se conceber a mediatiza o como processo interacional em marcha para se tornar o processo de referência, ou seja, não se assume o processo como estabelecido, embora em estado avançado de implanta o. O autor propõe discuti-la como “reformula es sócio-tecnológicas de passagem dos processos midiáticos   condi o de processualidade interacional de referência” (2007, p. 142).

Os processos de referência hegemônicos são entendidos como tendencialmente prevaletentes. Os demais processos interacionais teriam aquele primeiro como o parâmetro. “Assim, dentro da lógica da mediatiza o, os processos sociais de intera o mediatizada passam a incluir, abranger os demais, que não desaparecem, mas se ajustam” (BRAGA, 2007, p. 142)

Tal perspectiva aponta para um segundo caracterizador do processo interacional de referência. O fato de um processo interacional se tornar de referência, não implica na anula o dos espaços de interacionalidade anteriores. “Não se trata apenas de



hegemonia na preferência por determinados modos de interação; mas também de uma perspectiva de organização da sociedade” (BRAGA, 2007, p. 143). Por exemplo, a hipermídia internet não anula os processos interacionais característicos da escrita, assim como as interações face a face não foram descartados completamente com a invenção da escrita e leitura.

Estes processos interacionais são os principais direcionadores na construção da realidade social. De uma maneira geral, o que é relevante, é a teoria de que a sociedade constrói a realidade através dos processos interacionais pelos quais os indivíduos e grupos e setores da sociedade se relacionam. “Construímos socialmente a realidade social, na medida em que tentamos organizar possibilidades de interação” (BRAGA, 2007, p. 143).

O argumento defendido por Braga (2007) é que vivemos desde o século XX uma transição da cultura da escrita – enquanto processo interacional de referência – para uma crescente mediação de base tecnológica. Além disso, tal processo deve ser percebido como não completamente estabelecido.

Braga (2007) apresenta nove características desse processo de mediação como lógicas de transição, em maior ou menor grau estabelecidas na área da Comunicação, apesar da tese de que o processo seja incompleto. Um dos ângulos de prospecção apontados pelo autor, refere-se aos crescentes processos diferidos e difusos. “Com a mediação, a processualidade diferida e difusa adquiriu diferente amplitude e diversas qualidades adicionais” (p. 150). Assim, objetos e situações podem se mostrados através de representações de imagem ou som.

Com as possibilidades da imagem e do som, a exposição de situações estimuladores de experiência vicária se amplia, enquanto objetivações postas a circular na interação social. Assim, quando antes se construía a realidade através de interações sociais baseadas essencialmente na expressão verbal, é possível hoje objetivar e fazer circular imagens (referenciais ou imaginárias), sons e, particularmente, “experiência” (BRAGA, 2007, p.150).

A transmissão contínua e incessante de imagens através das mídias tradicionais ou daquelas sustentadas nas novas tecnologias da informação e comunicação configura-se como um dos aspectos mais importantes a serem levados em consideração nas discussões acerca da mediação do corpo na contemporaneidade. Apostamos nessa característica do processo de mediação social como um dos ângulos de prospecção



para tratarmos da produção de corpos e dos modos de subjetivação<sup>4</sup> nas mídias, conforme pretendemos fazê-lo a seguir.

## 2. O CORPO NAS MÍDIAS

Como podemos perceber anteriormente, todas as sociedades e suas respectivas culturas demandam uma mediação simbólica que ligam o real e o simbólico. Como fato histórico, a midiaticização pode ser encarada como uma modalidade histórica dessa mediação simbólica, modalidade proporcionada em grande medida pelas transformações tecnológicas do século XX. Em decorrência destes mesmos avanços tecnológicos da informação e da comunicação, podemos inferir transformações também para a produção de corpos e subjetividades na contemporaneidade a partir das transformações na veiculação de imagens, sons, experiências e relações que interpelam os sujeitos na sua relação consigo mesmo, com o próprio corpo e com o corpo do outro.

No entanto, apesar das novas concepções filosóficas que apontam para subjetividades multiformes, heteróclitas, descentras, instáveis e subversivas, na maioria dos casos, o corpo do indivíduo é encarado apenas como a expressão plena da sua individualidade (SANTAELLA, 2006).

A obra de Michel Foucault pode ser considerada uma das mais radicais visões de construcionismo social. Segundo as palavras do filósofo francês, seu objetivo foi “criar uma história dos diferentes modos, pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos” (FOUCAULT, 1995, p. 231). “Nessa perspectiva, tanto a noção tradicional de sujeito, quanto a noção convencional de corpo são ambas desconstruídas. Para Foucault, o corpo não só recebe sentido pelo discurso, mas é inteiramente constituído pelo discurso” (SANTAELLA, 2004, p. 19).

No entanto, ao mesmo tempo em que as concepções filosóficas pós-estruturalistas apontam para o crepúsculo do eu, as instituições sociais regulam os indivíduos a partir de características que os definem tendo em vista um ego, um “eu” unificado.

---

<sup>4</sup> Podem-se distinguir dois níveis de sentido para os modos de subjetivação. O primeiro refere-se aos modos de objetivação do sujeito - o sujeito aparece como objeto de uma determinada relação de conhecimento e poder, sujeito a alguém pelo controle e dependência. Num segundo nível, situam-se os modos de constituição do sujeito como formas de atividade sobre si mesmo, preso a sua própria identidade por uma consciência ou auto-conhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a.



Enquanto, de um lado, os discursos filosóficos e sociais expõem, com todos os tipos de argumentos, as contradições e inadequações das definições estáveis e acabadas do eu, de outro lado, as mídias em geral trabalham freqüentemente pela preservação da “idéia do eu” que dá fundamento às práticas regulatórias institucionais. (...). Enquanto os estudos sobre a subjetividade esforçam-se por denunciar os vultos fantasmagóricos que se escondem por trás dos axiomas das crenças, as mídias fazem pesar a balança para o lado das ilusões (SANTAELLA, 2006, p. 125).

De acordo com a autora, com a midiatização do corpo as imagens incessantemente veiculadas pela mídia fortalecem o imaginário que alimenta as miragens do ego. Parece não haver outro caminho para a maioria dos seres humanos que não seja relacionar consigo mesmos e com suas vidas senão de acordo com os discursos, as imagens e os pressupostos que as sustentam. “Nas mídias, aquilo que dá suporte às ilusões do eu são, sobretudo, as imagens do corpo, o corpo reificado, fetichizado, modelizado como ideal a ser atingido em consonância com o cumprimento de promessas de uma felicidade sem máculas” (SANTAELLA, 2006, p. 125-126).

É importante destacar que a mídia não deve ser encarada como uma entidade dotada de obrigatoriedade mandatória, mas sua linguagem moral é essencialmente prescritivista, “o que implica pensá-la, como uma orientação racional ou logicamente justificável sobre possibilidades de conduta e dependente de um querer pessoal” (SODRÉ, 2006, p. 52). Para o autor, os enunciados midiáticos são reconhecidos intersubjetivamente vinculando consciências individuais a padrões socialmente aprovados. O convencimento decorre da racionalidade e da credibilidade dos conteúdos cognitivos dos enunciados.

O fato de inexistir sanção externa ou explícita para a não observância das prescrições midiáticas relativas ao cuidado com o corpo, isso não é um impeditivo para a vergonha e a conseqüente auto-desvalorização estética diante da não adaptação aos padrões e normas socialmente estabelecidos.

A mídia não determina coisa alguma, como se vê, mas prescreve. (...) dá-se na prática uma epifania banal, que advém do poder midiático de prescrever o nome adequado para as coisas, de ‘batizar’, segundo os cânones da modernidade tecnológica e comercial. Nomear, como se sabe, implica apropriar-se de algum modo daquilo que se nomeia, mas pode também implicar a própria criação daquilo que fala, do mesmo modo que a observação de um fenômeno é capaz de modificar tanto o observado quanto observador (SODRÉ, p. 61).



As mídias veiculam prescrições dotadas de palavras de ordem pautadas no corpo belo, jovem, veloz, preciso, perfeito, inacreditavelmente perfeito, permitindo nomeando e classificando determinados tipos de corpos como normais ou patológicos, por exemplo. O corpo que atinge a visibilidade positiva é o corpo especular das imagens fotográficas e nos desdobramentos virtuais de manipulação favorecidos pelas novas tecnologias. As manipulações da imagem fotográfica e de outros registros do corpo permitem transformar os corpos, apagar e corrigir seus defeitos nas capas de revistas e em seus interiores, nos outdoors, nos programas televisivos e nas publicidades, nas telas do cinema. “É tal a força subliminar dessas imagens que, mesmo quando se tem consciência do poder que elas exercem sobre o desejo, não se está livre da sua influência inconsciente” (SANTAELLA, 2006, p. 129).

Não somente as imagens estão sendo transformadas, mas também o corpo real através de uma ampla gama de técnicas, práticas e produtos capazes de modelar, construir, enfim transformar o corpo na contemporaneidade diante dos avanços da ciência e de suas aplicações técnicas que também induzem rupturas antropológicas e até fenômenos extremos (LE BRETON, 2003, pp. 14-15). É justamente ao problematizar os “fenômenos extremos”, que Le Breton (2003, p.16) aponta para uma tradição de suspeita do corpo que acompanha a humanidade desde os pré-socráticos e que culminou em correntes tecnocientíficas que propõem a reconstrução do corpo humano encarado como “rascunho”: “é o empreendimento ao qual se dedicam esses novos engenheiros do biológico. (...). O corpo é a doença endêmica do espírito e do sujeito”.

Não é mais o caso de contentar-se com o corpo que se tem, mas de modificar suas bases para completá-lo ou torná-lo conforme à idéia que dele se faz. Sem o complemento introduzido pelo indivíduo em seu estilo de vida ou suas ações deliberadas de metamorfoses físicas, o corpo seria uma forma decepcionante, insuficiente para acolher suas aspirações. Nessas diferentes representações, o corpo deixa de responder à unidade fenomenológica do homem, é um elemento material de sua presença, mas não sua identidade, pois ele só se reconhece aí num segundo tempo após efetuar um trabalho de sobre-significação que o conduz à reivindicação de si. Mudando de corpo, pretende-se mudar sua vida. Esse é o primeiro grau de suspeita do corpo (LE BRETON, 2003, p. 22).

Nesse primeiro grau de suspeita, a independência cultural do corpo integra uma noção de corpo como projeto, “uma vez que ela supõe um engajamento individualizado e intensificado sobre o corpo, um corpo deslocado do social e da cultura” (DAMICO, 2004, p. 20) e que é de inteira responsabilidade do indivíduo. Esta noção de corpo



projetável a partir do engajamento individualizável no seu cuidado possibilita-nos articular o corpo contemporâneo à produção de subjetividades, pois na contemporaneidade, a preocupação com o corpo se torna o imperativo de um projeto não somente de corpo belo, mas também, e, por conseguinte, de um estilo de vida, de certa felicidade individual a ser alcançada mediante modelação do corpo e, ainda, das aspirações e visões de mundo. O corpo projeto, enquanto uma noção de corpo a ser projetado para obtenção ou manutenção de saúde, por exemplo, liga-se à estetização da saúde<sup>5</sup> e ao culto ao corpo, este último entendido como

um tipo de relação dos indivíduos com seus corpos que tem como preocupação básica o seu modelamento, a fim de aproximá-lo o máximo possível do padrão de beleza estabelecido. De modo geral, o culto ao corpo envolve não só a prática de atividade física, mas também as dietas, as cirurgias plásticas, o uso de produtos cosméticos, enfim, tudo o que responda às preocupação de se ter um corpo bonito e/ou saudável (CASTRO, 2007, p. 17).

Trata-se de uma inquietação com o próprio corpo, com suas possibilidades, suas interdições, suas formas, sua constituição interna, que passou a espreitar cada vez mais um maior número de indivíduos. “Você é responsável pelo seu próprio corpo e deve valorizá-lo, investir nele, o que, paradoxalmente, desvia e transfere o investimento do corpo em si e das suas zonas erógenas para a encenação do corpo e da erogeneidade” (SANTAELLA, 2006, p. 131); ou mesmo uma simulação nos termos de Baudrillard (1980).

Para Baudrillard (1980), na sociedade capitalista “o estatuto geral da propriedade privada aplica-se igualmente ao corpo, à prática social e à representação mental que deles se têm” (BAUDRILLARD, 1980, p. 136). De acordo com o autor, a estruturas de produção e consumo induzem os sujeitos em uma dupla prática com o próprio corpo: ora como capital, ora como feitiço (consumo). Em ambos os casos, é necessário que o corpo seja investido tanto na acepção econômica quanto psíquica do termo.

O corpo assim ‘reapropriado’ torna-se função de objectivos ‘capitalistas’: quer dizer, se se investe é para o levar a frutificar. O corpo não se reapropria segundo as finalidades autônomas do sujeito, mas de acordo com o princípio normativo do prazer e da rendibilidade hedonista, segundo a coacção de instrumentalidade directamente indexada pelo código e pelas normas da sociedade de produção e de consumo dirigido. Por outras palavras: administra-se e regula-se o corpo como patrimônio; manipula-se como um dos múltiplos significantes de estatuto social. (BAUDRILLARD, 1980, p. 139)

---

<sup>5</sup> Tal noção pode ser entendida como a valorização de parâmetros estéticos como definidores das condições de saúde.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo é uma realidade mutante de uma sociedade para outra. Contemporaneamente, este objeto tornou-se alvo de intensos cuidados individuais e sociais, além de inúmeros estudos no campo da Comunicação. No entanto, procurar compreender as relações entre a produção de corpos e subjetividades na sociedade capitalista atual exige um estudo pormenorizado daquelas relações entre esse objeto, os modos de subjetivação e as mídias.

Procuramos inicialmente definirmos com maiores precisões as noções de mediação simbólica e midiática da sociedade para embasarmos-nos em uma pesquisa futura a ser realizada como projeto de tese. Podemos perceber que todas as sociedades e respectivas culturas implicam em determinadas mediações simbólicas e que essas mediações se objetivam e são reguladas socialmente.

Das interações face a face ao campo áudio-visual, passando pela escrita, a sociedade se subsidiou de inúmeros processos de interação para construção social da realidade. No entanto, como aspecto imprescindível da mediação, a interação prevalente no mundo contemporâneo é aquela caracterizada pela midiática social sustentada em tecnointerações. Uma cultura midiática e tecnológica emerge com as inovações técnicas e orientam trocas sociais e simbólicas.

Possibilitadas pelas inovações técnicas, as imagens do corpo humano proliferam na mídia midiaticando não somente o corpo, mas também as próprias relações entre os sujeitos. O próprio sujeito pode converter-se em uma imagem de si mesmo simulando um eu ideal. Paradoxalmente, a observância das imagens e dos discursos presentes na mídia permite perceber um investimento no “eu” centrado, diferentemente das concepções filosóficas recentes que apontam para processualidade da constituição subjetiva.

A responsabilização do indivíduo pelo próprio corpo e pelos males advindos do relapso auto-cuidado podem ser apontados como um aspecto relacionado a este fortalecimento do sujeito centrado, senhor de si e do próprio corpo encarado como empreendimento capital e feitiço consumista. Logo, a produção de corpos contemporâneos implica em subjetividades auto-reflexivas, auto-vigilantes, auto-examinadoras a fim de capitalizar a própria imagem expressiva do corpo.



## REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de Consumo**. 1 ed. Lisboa: Edições 70, 1980.
- BRAGA, José Luiz. Mediatização como processo interacional de referência. In: MÉDOLA, ANA Silvia Lopes Davi; ARAÚJO, Denize Correa; BRUNO, Fernanda. **Imagem, visibilidade e Cultura Midiática**. Porto Alegre: Editora Sulina-Compos, 2007, pp. 141-167.
- CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo e sociedade**: mídia, estilos de vida e cultura de consumo. 2. ed. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2007.
- DAMICO, José Geraldo Soares; MEYER, Dagmar Estermann. O corpo como marcador social: saúde, beleza e valorização de cuidados corporais de jovens mulheres. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, Unicamp, v. 27, n. 3, p. 103-118, maio. 2006.
- DELEUZE, Gilles. Política. In: \_\_\_\_\_. **Conversações**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. pp. 209-226.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela TV). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1. Pp. 151-162, jan/jun. 2002
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica** – para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. pp. 231-249.
- \_\_\_\_\_. **História da sexualidade**: a vontade de saber. 16ª ed. São Paulo: Edições Graal, 2010.
- GOMES, Mayra Rodrigues. **O Poder no Jornalismo**: discernir, disciplinar, controlar. 1 ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- KELNER, Douglas. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. 1. ed. Bauru (SP): Editora Edusc, 2001. (Coleção Verbum)
- LE BRETON, David. **Sociologia do Corpo**. 1 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. 1 ed. Campinas (SP): Papyrus, 2003.
- QUÉRÉ, Luois. **Des miroirs equivoques**. Paris: Aubier Montaigne, 1982.
- SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação**: sintoma da cultura. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006.
- SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**. Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2008.
- VIZER, Eduardo Andrés. Mediatização e (trans)subjetividade na cultura tecnológica. A dupla face da sociedade mediatizada. In: NETO, Antonio Fausto; GOMES, Pedro Gilberto; BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo (org). **Mediatização e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008, pp.31-50.